
Revista mantida por grupos de pesquisa em História sediados na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na Universidade Federal de Sergipe (UFS) e na Universidade Regional do Cariri (URCA), especializada na publicação de capítulos de revisão e resenhas de livros de História e Memória.



Julia Stimson (far right) and other nurses of the Base Hospital 21 unit in 1917, [VC025-i025022](#), Bernard Becker Medical Library Archives, Washington University in St. Louis | Imagem: [Washu Medicine](#)

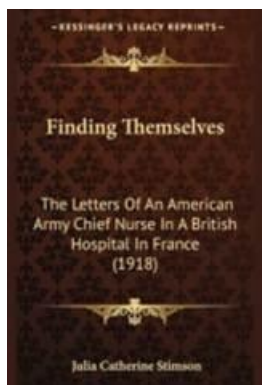
Testemunhos da desigualdade de gênero – Resenha de *Finding themselves: The Letters of an American Army Chief Nurse in a British Hospital in France*, de Julia C. Stimson

Maria Luiza Vasconcelos Fernandes de Oliveira (UFS)

Resumo: *Finding themselves: The Letters of an American Army Chief Nurse in a British Hospital in France*, de Julia C. Stimson, objetiva registrar o cotidiano das enfermeiras americanas na Primeira Guerra. Apesar da pouca crítica ao conflito, destaca-se pela riqueza documental e pela construção de um perfil feminino em cenário militar.

Palavras-chave: guerra; cartas pessoais; Julia C. Stimson; enfermagem; feminismo.

Finding themselves: The Letters of an American Army Chief Nurse in a British Hospital in France é um livro com depoimentos de Julia C. Stimson. Segundo o apresentador, o pastor Henry A. Stimson, da Igreja Congregacional de Manhattan (1910), “as cartas foram escritas como um registro diário do trabalho de uma Unidade de enfermeiras da Cruz Vermelha enviada à França em maio de 1917, a pedido das autoridades britânicas.” (p. x) As cartas eram uma memória sobre o trabalho das enfermeiras, como afirmou o apresentador. Contudo, depois de publicadas, ganharam sentido de fonte histórica aberta a qualquer tipo de interrogação sobre mulheres e guerras.



Quando escreveu as cartas, Julia C. Stimson era enfermeira-chefe do Hospital Geral nº 12 (St. Louis, EUA). Para Mary T. W. Sarnecky (1990), sua biógrafa, Stimson teve uma infância e educação privilegiadas e chegou à presidência da Associação Americana de Enfermeiras. Era mestre em Sociologia, discutindo direitos sociais para os trabalhadores. A biógrafa destaca a sua visão antitaylorista da administração e a opção de não a empregar, como orientado, nos trabalhos no Exército. A biógrafa também ressalta o engajamento de Stimson, declarando: “Julia foi uma feminista pioneira. Quando percebeu que as mulheres não estavam sendo tratadas com igualdade, ela se manifestou de maneira corajosa e franca.”

(Sarnecky, 1990, p. 162-163).

O corpo do livro é constituído por uma breve apresentação do já citado pastor Stimson e aproximadamente 50 cartas (o número pode variar se considerarmos os fragmentos de correspondência e as cartas dentro de outras cartas) escritas pela autora. As cartas são endereçadas, principalmente, ao pai e à mãe. Elas descrevem o cotidiano da profissional: alojamentos, recursos e treinamentos, estado de ânimo das enfermeiras, técnicas de tratamento, número de atendimentos, perfil dos atendidos e das instalações de trabalho e, ainda, atividades de lazer. Nos escritos, também manifesta suas posições sobre ciência e religião, fala do medo dos ataques e tranquiliza a família. As cartas são organizadas cronologicamente, possibilitando ao leitor uma visão geral do percurso – dos EUA à Europa. Ela sai de St. Louis em 4 de maio de 1917, zarpa em Nova Iorque em 19 de maio e chega a Liverpool em 29 de maio de 1917. De Londres a Rouen, França, viajou em balsa e ambulâncias motorizadas. Em 4 de abril de 1918 deixa Rouen e dirige-se a Paris, onde exerce o cargo de Enfermeira Chefe da Cruz Vermelha Americana na França.

Por este breve resumo, percebemos a riqueza dos depoimentos e avaliamos o quanto a bibliografia sobre mulheres e guerras deve ter se beneficiado dessas fontes. A própria Sarnecky (1990) empregou longas citações diretas para construir o perfil de Stimson. Foi um recurso para reforçar a persuasão, por exemplo, criando efeitos realistas e revelando os sentimentos da biografada.

Um pouco diferente é o uso que faz das cartas. Ela também emprega a fonte como testemunho – na dinâmica do trabalho de erudição – para construir um perfil psicológico da autora: o medo, a liderança e a diplomacia, por exemplo. Mas situa também a autora nas correntes pró e contra a guerra: Stimson é uma das “enfermeiras escritoras” que se concentraram “nos aspetos positivos da enfermagem militar, enfatizando seus próprios papéis como trabalhadoras humanitárias eficazes, prestando um serviço altamente profissional.” Em outra passagem, ela declara: “Julia Stimson é um exemplo clássico de uma mulher que se apresentou em um papel feminino tradicional de ‘nutrição’, ao mesmo tempo que exercia uma enorme autoridade em um contexto militar” (p. 124, 128). Em outro trecho, destacava as razões da ascensão de Stimson. Como mulher de classe média

alta, transitava “com facilidade pelo meio social” do poderoso Massachusetts General Hospital. [...] Seu notável senso de dever e sua capacidade de trabalhar dentro dos sistemas criados por outros – e de fazer esses sistemas funcionarem, por meio da força de seu carisma e personalidade – garantiram que ela desfrutasse de um nível de sucesso e reconhecimento não concedido a muitas enfermeiras na primeira metade do século XX (p. 130-131).

Além dessas possibilidades de uso desse livro-fonte, avalio, ainda, o seu potencial heurístico para a investigação sobre desigualdade de gênero em campanhas militares, principalmente na Primeira e Segunda Guerra Mundial. Para análise de 8 cartas selecionadas aleatoriamente, utilizamos 3 perguntas a nível de análise textual (Fairclough, 1995): Há menções explícitas às diferenças entre homens e mulheres? O depoimento apresenta papéis de gênero ou evidências de desigualdade e silenciamento? Há marcas linguísticas de subordinação, exclusão ou resistência feminina?

A leitura dos depoimentos evidencia que as diferenças entre homens e mulheres são constantemente naturalizadas por Stimson. A própria autora frisa a singularidade de sua presença na guerra, visto que se trata do primeiro destacamento feminino enviado pelos estadunidenses. Ainda assim, a escrita reforça a distinção simbólica entre os gêneros: o homem é nomeado como soldado, sujeito da ação e do perigo, enquanto a mulher aparece como figura auxiliar, responsável pelo cuidado e pela preservação da vida. Essa oposição entre o masculino e o feminino estrutura todo o discurso de Stimson, que associa o heroísmo e o campo de batalha aos homens, enquanto a mulher se mantém na retaguarda em funções de cuidado. Ao dizer “ninguém precisa me dizer que as mulheres não podem fazer tanto, aguentar tanto e ser tão corajosas quanto os homens” (Stimson, 1917, 134), nossa autora afirma explicitamente a diferença entre os gêneros e atribui ao homem o papel de medida e referência de coragem e resistência, reafirmando a centralidade do masculino como padrão de valor.

Nos depoimentos, as mulheres aparecem sempre vinculadas a funções de enfermagem e assistência, restritas a um espaço socialmente atribuído ao feminino. Essa configuração não é questionada, mas assumida como parte da ordem natural do trabalho de guerra. A própria estrutura do discurso reforça a desigualdade ao associar o comando feminino à maternagem — as chefes são chamadas de “matronas”, e as equipes, de “filhos” —, o que suaviza a autoridade e reinsere o poder feminino na lógica doméstica e afetiva. Em várias cartas, o sofrimento físico das enfermeiras é narrado com leveza, como se fosse parte esperada do dever moral, enquanto o sofrimento masculino é descrito com admiração e compaixão. Dessa forma, a narrativa da guerra reafirma o lugar da mulher como cuidadora, não como agente histórico autônomo.

As marcas linguísticas da subordinação aparecem de modo recorrente nas expressões de gratidão, modéstia e autodepreciação em que a autora se apresenta como “indigna das honras e oportunidades recebidas” (Stimson, 1918, p.4). Esse vocabulário moralizante converte a desigualdade em virtude: a limitação é reinterpretada como humildade, e a obediência, como devoção. Mesmo quando há traços de resistência — como o desejo de reconhecimento profissional ou a reivindicação de distinções simbólicas para as enfermeiras —, tais gestos permanecem dentro dos limites da linguagem institucional e moral. A desigualdade de gênero, longe de ser negada, é naturalizada e perpetuada justamente pela forma como é enunciada: com ternura, fé e obediência.

Por estas razões, penso que *Finding Themselves: The Letters of an American Army Chief Nurse in a British Hospital in France*, de Julia C. Stimson, é um testemunho relevante para compreender

as desigualdades de gênero nas experiências de guerra. As cartas revelam, de forma sensível, e por vezes contraditória, as fronteiras simbólicas entre o masculino e o feminino: aos homens, o heroísmo e o risco; às mulheres, o cuidado e a devoção. Pela forma como articula afetividade, disciplina e dever, o livro deve ser valorizado por pesquisadores e pesquisadoras interessados nas relações entre gênero, trabalho e guerra, especialmente por evidenciar como a linguagem da obediência e do serviço serviu para legitimar a desigualdade de papéis entre homens e mulheres no início do século XX. Como fonte histórica, a obra se mostra de grande potencial heurístico, permitindo observar o modo como o discurso da abnegação feminina sustentou a estrutura patriarcal das instituições militares.

Referências

HALLETT, Christine E. *Nurse writers of the Great War*. Manchester: Manchester University Press, 2016.

FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: The Critical Study of Language*. Harlow: Longman, 1995.

SARNECKY, Mary T. Weber. *A Woman for All Seasons: A Biography of Julia Catherine Stimson (1881-1948)*. San Diego, 1990. These (Doctor of Nursing Science) – Faculty of the Philip Y. Hahn School of Nursing, University of San Diego. Disponível em: <https://digital.sandiego.edu/dissertations/221/>

STIMSON, Julia C. *Finding themselves: the letters of an American Army Chief Nurse in a British Hospital in France*. New York: The Macmillan Company, 1918.

Sumário de *Finding themselves: the letters of an American Army Chief Nurse in a British Hospital in France*

Note | Henry A. Stimson
Finding themselves

Resenhista



Maria Luiza Vasconcelos Fernandes de Oliveira é mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS) e licenciada em História pela mesma universidade. ID Currículo LATTES: <https://lattes.cnpq.br/6430175889581663>; ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6068-3198>; e-mail: marialuizacg@outlook.com.

Para citar esta resenha

Stimson, Julia C. *Finding themselves: The Letters of an American Army Chief Nurse in a British Hospital in France*. New York: The Macmillan Company, 1918. 240 p. Resenha de: OLIVEIRA, Maria Luiza Vasconcelos Fernandes de. Testemunhos sobre a desigualdade de gênero. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 27, p. 49-53, jan./fev., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).